

História de quintais

A importância do arredor de casa na transformação do Semiárido



Realização

Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)
Rua Nicarágua, 111, Espinheiro – 52020-190, Recife/PE
Tel.: (81) 2121.7666 – Fax: (81) 2121.7629
asacom@asabrazil.org.br – www.asabrazil.org.br
Facebook: articulacaosemiario
Twitter: @asa_brasil

Produção

Assessoria de Comunicação da ASA (Asacom)

Coordenadora de Comunicação

Fernanda Cruz – DRT/PE 3367

Assessora da Coordenação de Comunicação

Gleiceani Nogueira – DRT/PE 3837

Jornalistas

Catarina de Angola – DRT/PE 4477
Daniel Lamir – DRT/PE 2809
Mariana Reis – DRT/PE 3899
Verônica Pragana – DRT/PE 2923
Ylka Oliveira – DRT/RN 00915

Produção de Conteúdo

Júlia Rosas
Maitê Maronhas
Verônica Pragana

Colaboração e Revisão de Conteúdo

Adriana Galvão Freire
Antônio Barbosa
Fernanda Cruz
Glória Batista de Araújo
Naidison Baptista
Valquíria Lima

Revisão de Texto

Consultexto

Ilustração

André Persi
Eduardo Sousa

Projeto Gráfico e Diagramação

Via Design

4ª Edição – Recife, abril de 2014

Esta cartilha é dedicada a quem produz conhecimento e aprendizado para colocar em prática o quintal produtivo que, com certeza, dá certo. Então, ter um quintal produtivo, pra quem não tem ou pra quem pretende ter, é uma boa saída para quem mora na zona rural.

**Maria Unária Márcia
Batista Goldim**
Agricultora, de Campo
Grande (RN)



História de quintais

A importância do arredor de casa
na transformação do Semiárido

Apresentação

O espaço ao redor das casas, na zona rural da região semiárida brasileira, é um lugar cheio de possibilidades. Nele, crescem flores, árvores, pés de fruta, plantas medicinais e forrageiras, além das folhas verdes e dos temperos da horta.

É um lugar habitado por animais, pelas brincadeiras das crianças, que se alimentam dos frutos frescos e saudáveis, e que conta com forte presença das mulheres, suas grandes guardiãs. Lá, a família toda convive, trabalha junta, descansa, aprende, produz alimentos, recebe as visitas.

Para reconhecer e valorizar a importância desse pedaço de terra bem juntinho da casa, a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), através do *Programa Uma Terra e Duas Águas* (P1+2), elaborou esta cartilha.

Agricultoras experimentadoras que vivem no Semiárido, de Minas Gerais até o Piauí, colaboraram de forma muito especial e preciosa para a criação desta publicação. Em junho de 2013, Ana Maria, Angineide, Aparecida, Conceição, Irene, Luana, Maria de Jesus, Maria José, Marinalva, Ornelina, Sára, Unária, Valdina, Vilma e Zeneide passaram dois dias reunidas em Lagoa Seca, na Paraíba, conversando sobre tudo o que tem a ver com os seus quintais produtivos.

Da conversa, veio a troca de experiências e surgiram novas ideias para tentar superar as dificuldades de cada dia. Todas contaram um pouco sobre a história de suas vidas e inspiraram a criação da história de Maria Violeta, a personagem principal desta cartilha. Fictícia enquanto personagem, mas profundamente real enquanto modo de vida das agricultoras do Semiárido.

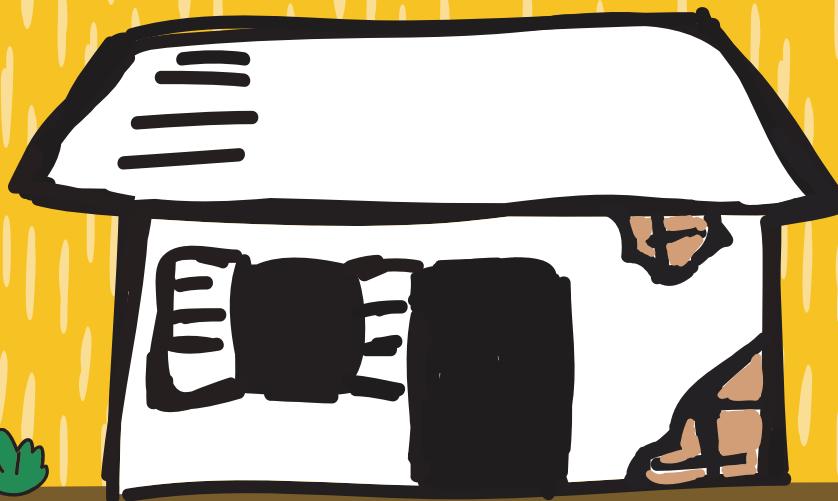
Esperamos que as famílias dessa região se reconheçam na vida de Maria Violeta, seu marido Edvaldo e seus filhos Cecinha e João e que se sintam estimuladas a organizar e potencializar o uso desse valioso espaço.



Num tempo em que a sina das mulheres e meninas de um povoado rural era buscar água para toda serventia, Maria Violeta nasceu. Filha mais velha de um casal de agricultores, seu Genuíno e dona Margarida, Maria Violeta cresceu num pequeno sítio de dois hectares que a mãe recebera de seus pais ao se casar. Apesar de grande, em comparação à maioria das propriedades das famílias do Semiárido, o sítio não garantia terra suficiente para produzir alimento, ainda mais em tempos de estiagem.



A casa em que moravam era humilde. A cozinha tinha um fogão a lenha que pintava as paredes e o fundo das panelas de preto. O banheiro, com paredes de avelós, era no quintal. O terreno ao redor da casa era uma área que dona Margarida cuidava com o mesmo zelo que dedicava aos serviços domésticos.



Entre uma ajuda e outra que Maria Violeta dava para sua mãe, conseguia escapular e subir no pé de árvore. De lá de cima, nos galhos que viravam poleiro das galinhas à noite, Maria acompanhava a mãe lutar contra o vento pra varrer as folhas secas e o lixo que se espalhavam no quintal e tocar fogo em tudo junto.

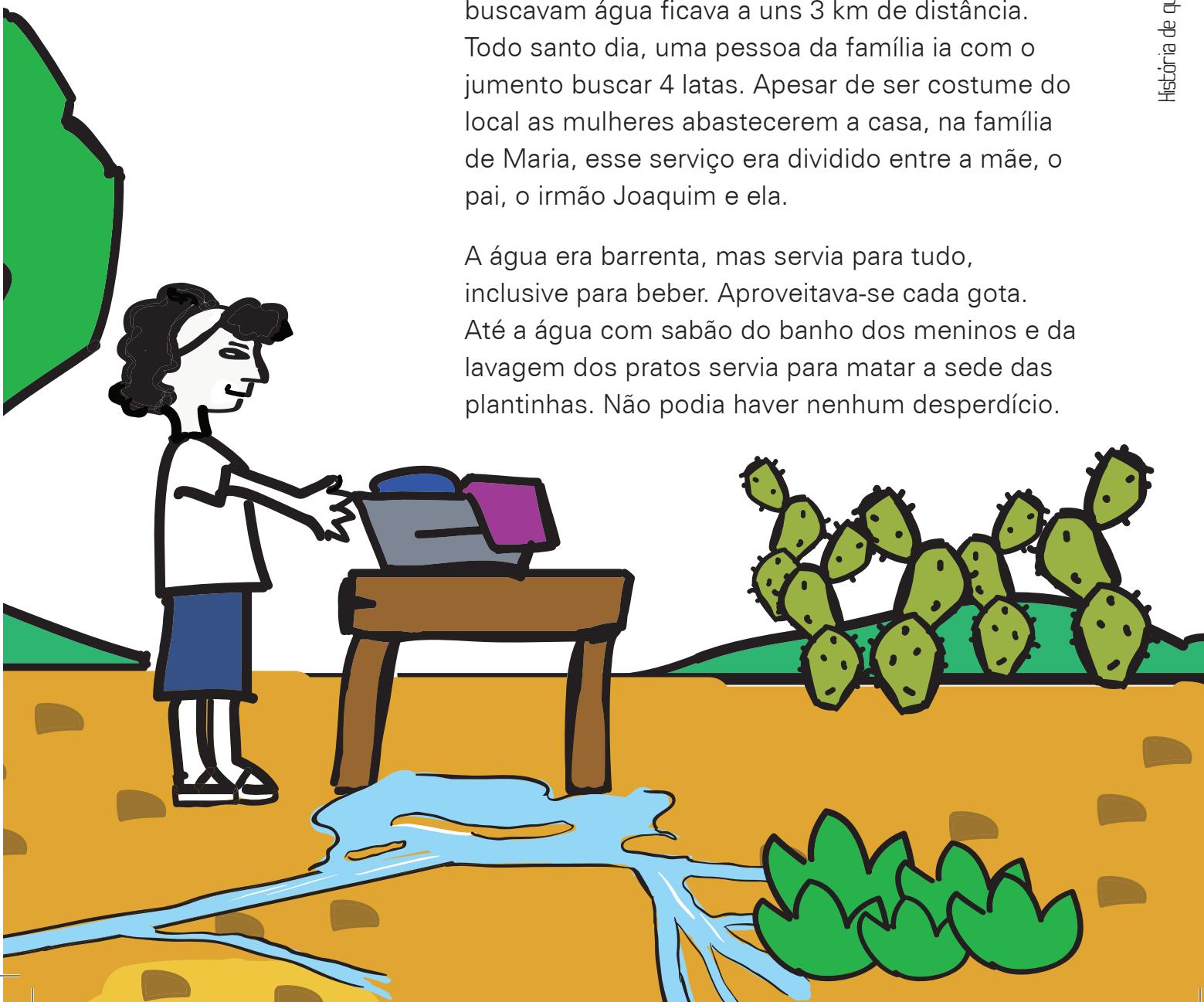


A comida da casa de Maria vinha quase toda do roçado de sequeiro que seu pai, Genuíno, cuidava junto com dona Margarida. O tempero do quintal garantia o gosto caprichado das refeições. De lá, saíam também algumas frutas, uns ovos e o leite das cabras, que alimentava os irmãos mais novos.



Não dava para manter muita vida no arredor de casa, porque a água era pouca. O barreiro onde buscavam água ficava a uns 3 km de distância. Todo santo dia, uma pessoa da família ia com o jumento buscar 4 latas. Apesar de ser costume do local as mulheres abastecerem a casa, na família de Maria, esse serviço era dividido entre a mãe, o pai, o irmão Joaquim e ela.

A água era barrenta, mas servia para tudo, inclusive para beber. Aproveitava-se cada gota. Até a água com sabão do banho dos meninos e da lavagem dos pratos servia para matar a sede das plantinhas. Não podia haver nenhum desperdício.

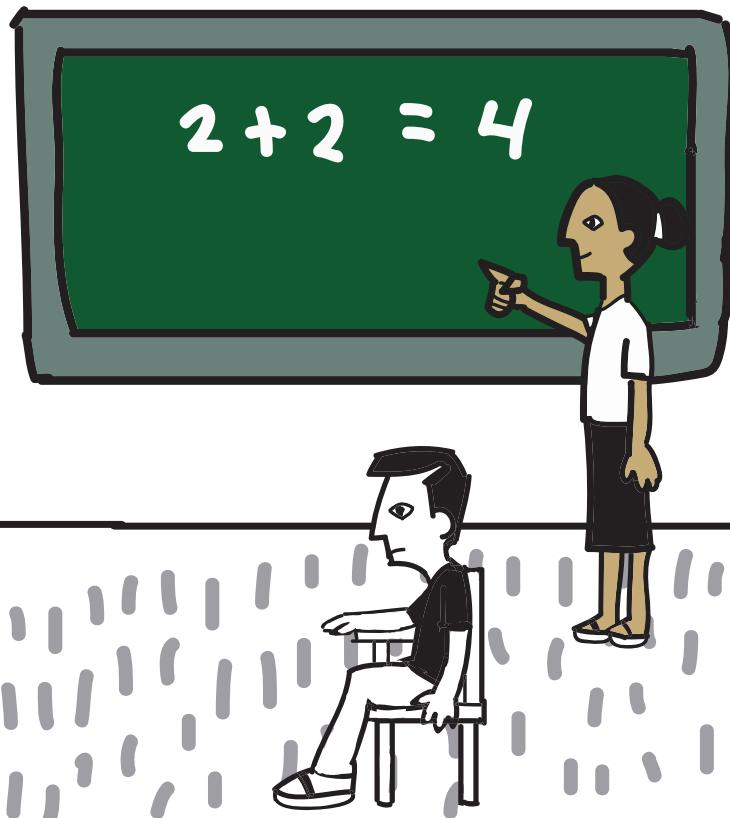


Quando Maria completou 8 anos, a vontade de frequentar a escola, onde já deveria estar desde os 6, ficou bem mais forte. Com a ajuda de dona Margarida, Maria convenceu o pai a deixá-la ir pra escola.

Seu Genuíno costumava repetir: “Lugar de mulher é na cozinha”. E dona Margarida juntava coragem e respondia: “Lugar de mulher é na cozinha e em todo lugar que for necessário”.

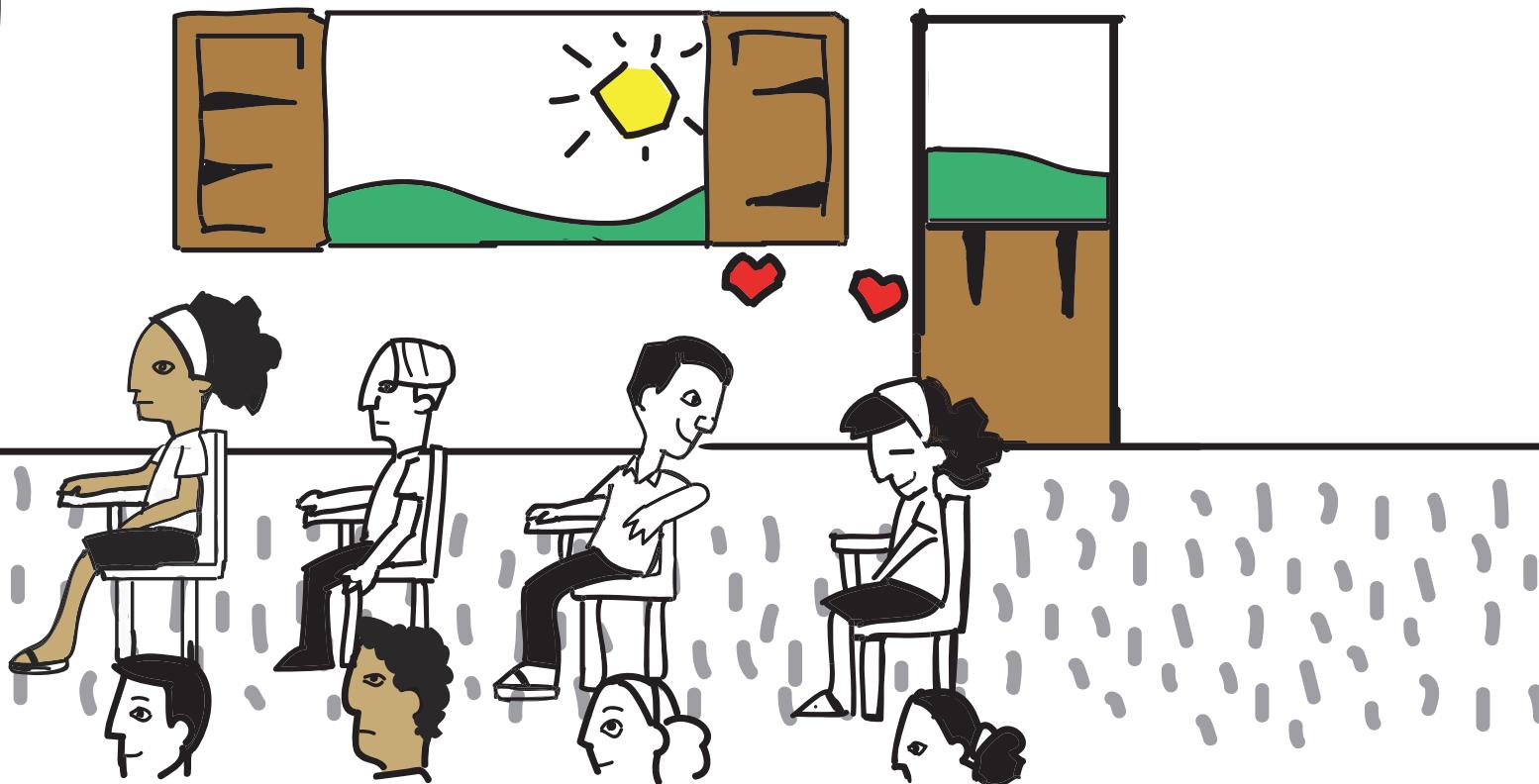
Lá dentro do meu quintal, eu esqueço os problemas. Arrancar matinho no meu quintal, fazer qualquer coisa é mesmo que um lazer, uma terapia. Ao invés de eu passar meio dia de frente pra televisão, passo a tarde no juazeiro cortando as cebolas, catando, limpando. Meu quintal, pra mim, é meu campo de saúde. Lá, eu trabalho com minha família.”

Maria Irene de Moraes, de Apodi (RN)



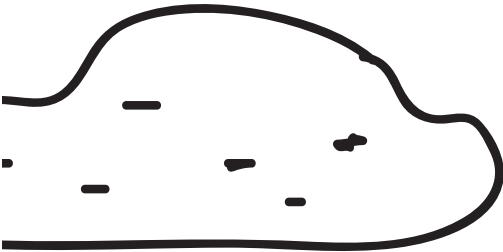
A falta de água na escola atrapalhava os estudos, assim como as doenças que pegavam com a água suja que bebiam. Apesar dessas dificuldades, Maria gostava muito de estudar. E aprendeu a ler e escrever.

Foi na escola que Maria, aos 16 anos, começou a namorar. Quando o pai soube do namorico com Edvaldo José, encomendou logo o casamento. Não queria filha sua malfalada no lugarejo.



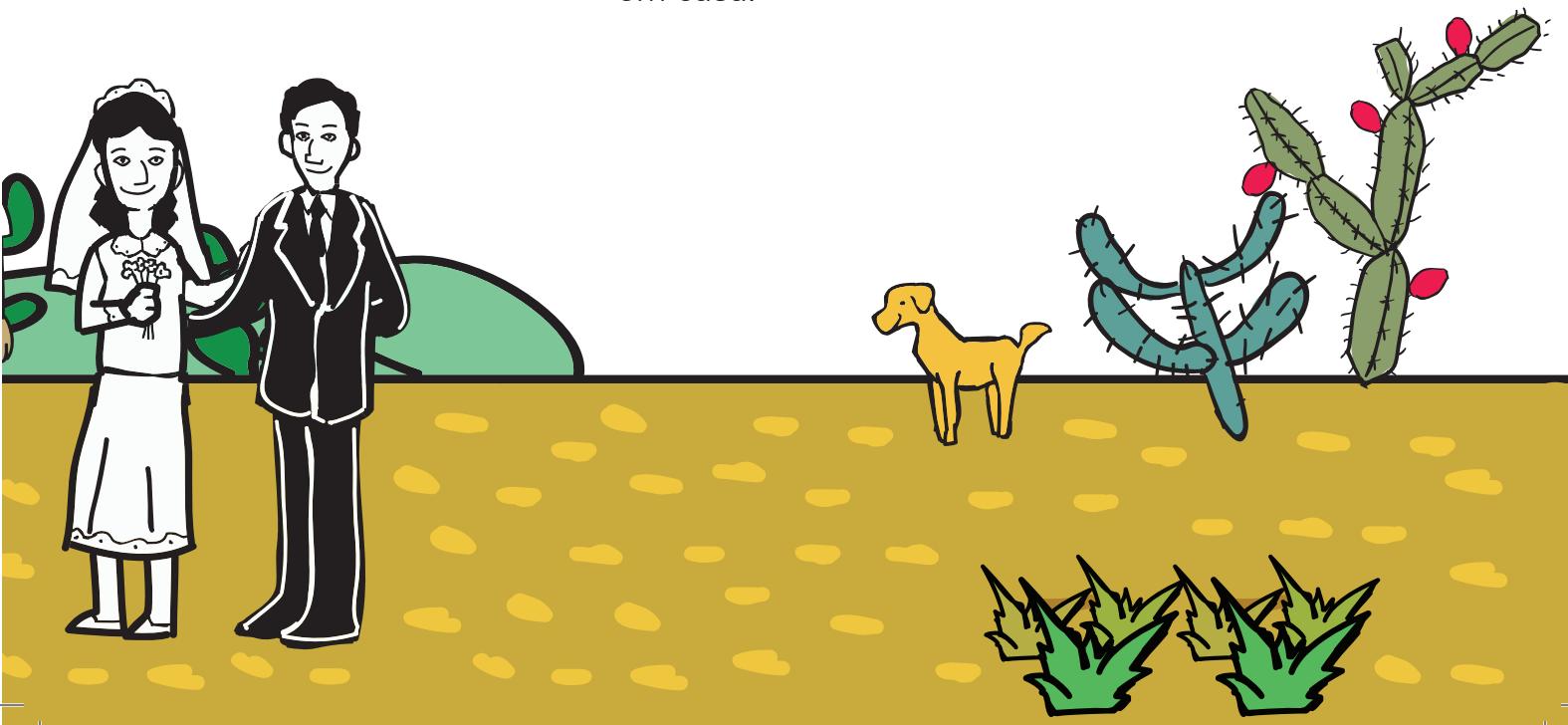
Casados de papel passado e tudo, eles foram morar na casa dos pais de Edvaldo, dividindo espaço com seu Antônio e dona Cícera, as três irmãs, Estelita, Ester Maria e Erivânia, e o caçula Erivan. Lá, eles tinham uma cisterna pequena construída pela ASA que garantia a água de beber, cozinhar e escovar os dentes.



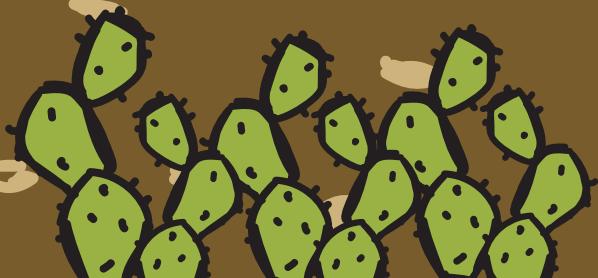


O presente de casamento de Maria foram dois cabritos, que ganhou de sua madrinha de batismo. Umas mudas de plantas medicinais e sementes de feijão, fava e milho, ela herdou da mãe, que já tinha herdado da sua vó Maristela. Os tesouros das mulheres mães de família estavam mesmo nos seus quintais.

No quintal de dona Cícera, Maria começou a criar seus cabritos presos debaixo do pé de pau. Mas, logo depois, com o empenho da sogra e das cunhadas, elas construíram um cercado para juntar as cabras de Maria às que já tinham em casa.



As mudas de anador, xambá e mil-em-ramas, ela plantou em pequenas vasilhas em cima de um jirau, que era o lugar da farmácia viva de dona Cícera. Assim, quando aguavam as plantinhas de cima, as de baixo aproveitavam a água que escorria. O jirau estava na sombra do juazeiro. A dona da casa sabia que, se as ervas estivessem protegidas dos raios do sol do sertão, passariam pelo verão sem sofrer.



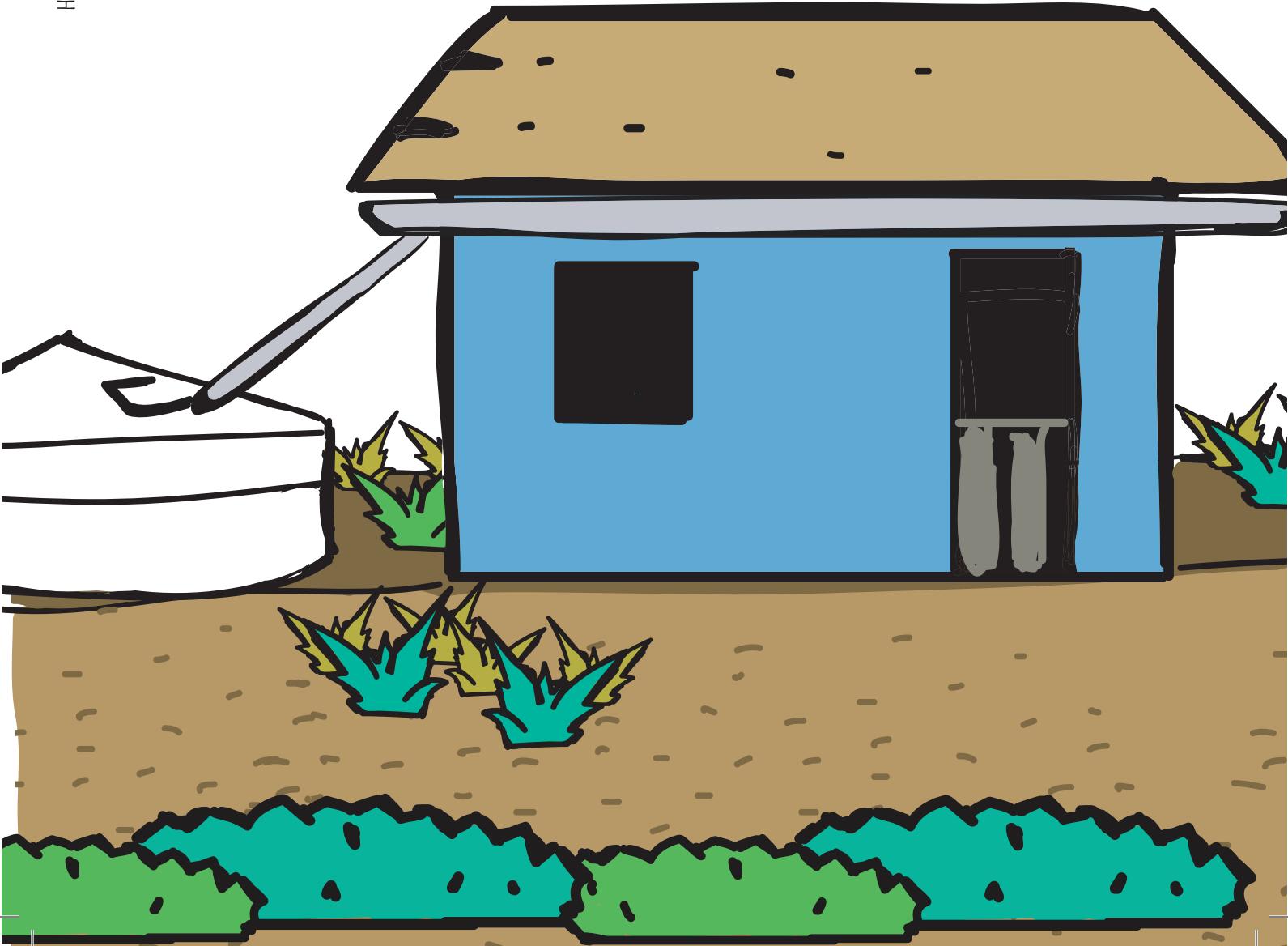
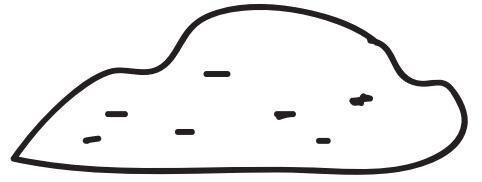
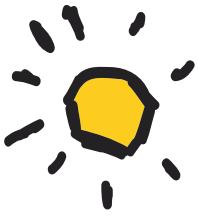
Maria levou uma boa surpresa para o quintal de sua sogra: as sementes de feijão-azul, uma semente que dona Cícera conheceu quando criança e que tinha sumido há tempos de sua comunidade. E isso foi muito bom porque, assim, elas podiam espalhar as sementes novamente pela região.

Ah, no seu quintal, dona Cícera fazia coisas que Maria desconhecia. Uma delas era não queimar as folhas secas como dona Margarida, sua mãe, costumava fazer. Dona Cícera varria tudo para debaixo dos pés de planta para evitar a evaporação da água infiltrada no solo.



Proteja seu quintal com um ambiente limpo, porque, lá na minha família, meu quintal é limpo. Eu coleteo o lixo, não deixo lata largada, eu enterro a lata, os que é de queimar, eu queimo, que é o plástico, o papelão. Eu boto num tambor velho e queimo, e não fica nada largado. O mato da natureza, ele cresce, depois a gente roça e deixa ali mesmo, que é o adubo do quintal. Nós não queimamos nada no quintal.”

Valdina Ferreira dos Santos,
de Campo Alegre de Lourdes (BA)



Dona Cícera também jogava, num buraco perto da porta do quintal, o material orgânico, depois cobria com terra para não juntar bicho. Ao se decompor, esse material estrumava a terra, que também era misturada com o esterco da criação.

A sogra de Maria tinha aprendido esses conhecimentos nas reuniões da associação comunitária que ia desde quando Edvaldo era pequeno. “Não existe terra fraca, minha filha”, repetia com a certeza conquistada por anos de prática.



Não demorou muito e Maria Violeta engravidou do primeiro filho. Veio também o tempo de estiagem, e os empregos na região começaram a rarear. Foi quando Edvaldo soube de uma oportunidade de trabalhar no corte da cana em São Paulo.



Maria aceitou com o coração pequeno a partida do seu companheiro. A gravidez foi difícil sem Edvaldo por perto. Maria se dividia entre a ajuda à sogra - nos trabalhos do lar, nos cuidados com a criação e com as plantas do quintal - e o roçado de seu sogro, na lida da terra pra tentar salvar a pequena plantação de milho, feijão e mandioca.



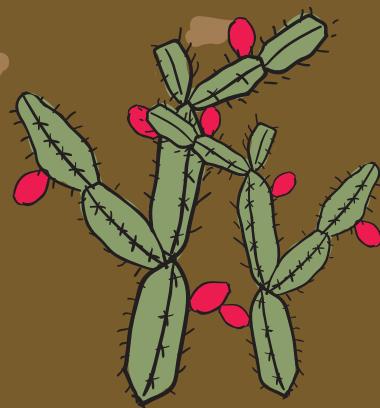
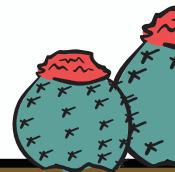
A mulher está presente em todos os trabalhos. Mesmo assim, a própria mulher não se vê como alguém que está trabalhando. Se vê como ajudante. Às vezes, diz que não trabalha em nada."

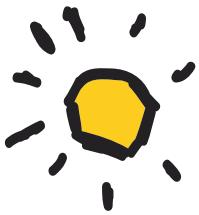
Zeneide Granguero Balbino, de Arial (PB)



Dois anos se passaram e Edvaldo voltou com esperança de comprar um pedaço de terra e nunca mais ir pra longe trabalhar.

Todos os dias, Edvaldo passou a acompanhar Maria e seu pai no trabalho do roçado. Perto da hora do almoço, voltavam pra casa. Com a barriga cheia, os homens caíam no cochilo. Enquanto isso, as mulheres se dividiam para arrumar a cozinha, dar brilho às panelas, enxaguar umas roupas que deixavam quarando, e, quando viam, o sol já estava baixando, e novamente já era hora de voltar pra roça.





Maria não achava certo que só as mulheres fizessem as tarefas da casa. Pedia ajuda de Edvaldo. Mas ele achava que isso era coisa de mulher e se preocupava com o que os vizinhos iriam falar se o vissem fazendo atividades domésticas.



A gente sabe que casa dá muito trabalho. A mulher levanta mais cedo, trabalha na casa, na alimentação e acaba indo dormir mais tarde. A gente sabe que o homem trabalha no campo, trabalha fora, mas quando chega em casa tem aquela horinha de descanso e a mulher não."

Ana Maria Texeira de Brito, de Castelo do Piauí (PI)

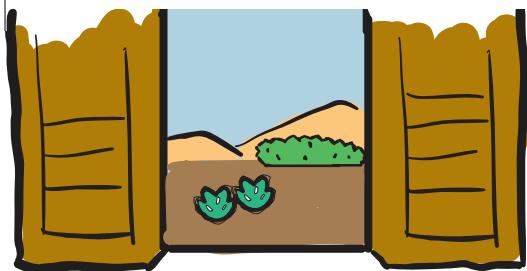
Quando Cecinha, sua filha, estava com pouco mais de 3 anos, Maria engravidou pela segunda vez. Com a barriga pesada e grande, ela não tinha mais condições de acompanhar Edvaldo na roça da família.

Foi quando veio outra estiagem, e a produção, mais uma vez, minguou, diminuindo o alimento na mesa.

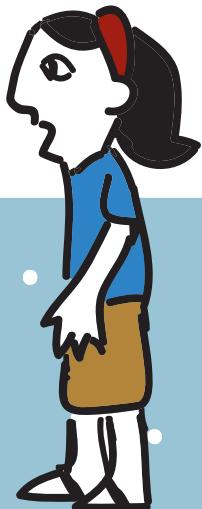
Junto à barriga que crescia, aumentava também a preocupação de Maria em fazer algo para produzir comida suficiente para todas as bocas.

Na tentativa de melhorar a situação em casa e curiosa com o que acontecia nas reuniões, Maria começou a acompanhar dona Cícera na ida à associação. Lá, Maria foi aprendendo muita coisa e descobriu oportunidades de aumentar a renda familiar.





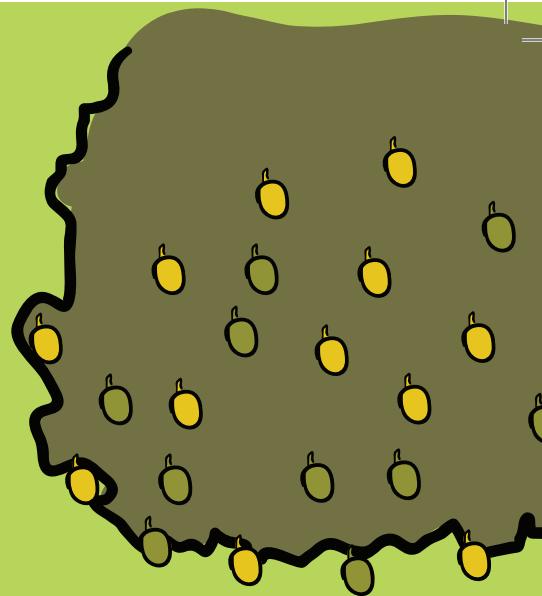
Mandamentos das Cisternas	
1	_____
2	_____
3	_____
4	_____
5	_____
6	_____
7	_____
8	_____
9	_____
10	_____



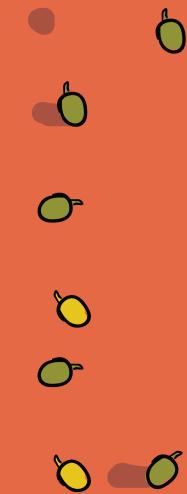
Porque eu estou vencendo, vou guardar para mim? Não, eu tenho o direito de ajudar minhas amigas. Tem quem aponte, sei lá: 'Mulher chata, baixinha, que só chama para reunião. Dinheiro lá não tem'. Tem sim! Conhecimento é um dinheiro muito rico. Não é?"

Vilma de Almeida, de Almenara (MG)

Maria soube que o Sindicato da região, em parceria com a ASA, estava oferecendo cursos para agricultores e agricultoras com interesse em trabalhar na construção de cisternas. Maria falou para Edvaldo, que logo se animou. Ele inscreveu seu nome no curso e, em menos de um mês, já estava na aula. Logo depois, já começava a construir as primeiras cisternas.



Já Maria quis aprender a transformar o umbu em polpa, licor e geleia. A fruta típica da Caatinga era bastante comum em Esperança, comunidade em que moravam. Na safra do umbuzeiro, o chão virava um tapete com tons verde e amarelo da fruta. Evitar o desperdício era também uma possibilidade de fazer dinheiro.





Foi quando Maria e outras quatro mulheres da associação - Jacira, Manoelita, Angelita e Valda - tiveram a ideia de vender os produtos beneficiados do umbu na barraca da associação na feira do município.

O primeiro desafio que as mulheres encontraram foi dentro de seus próprios lares. Os maridos de Jacira e Angelita não gostavam que elas saíssem todos os dias e ficavam soltando gracinha, quando não inventavam um monte de coisas para elas perderem a hora de sair de casa.

Já Manoelita precisou enfrentar a desconfiança do companheiro. E Valda, assim como Maria, contava com o apoio da família.

Quando estavam preparando a geleia e as polpas para suco, elas contavam piadas, riam bastante e também tratavam de coisas sérias, como as dificuldades de relacionamento com os maridos.



Uma vez, Valda falou como tinha conseguido construir uma relação de respeito e confiança com Alcides, seu companheiro: "Antes de casar, tratei logo de fazer um acordo com Alcides. Eu disse a ele: "Quando você for meu marido e eu sua esposa, num vou pedir pra ir pra canto algum, que você não é meu pai.

E eu acho que, pra toda coisa que a gente for fazer, precisa conversar com o outro. Nem você vai sair pra um canto sem me dizer e nem eu".

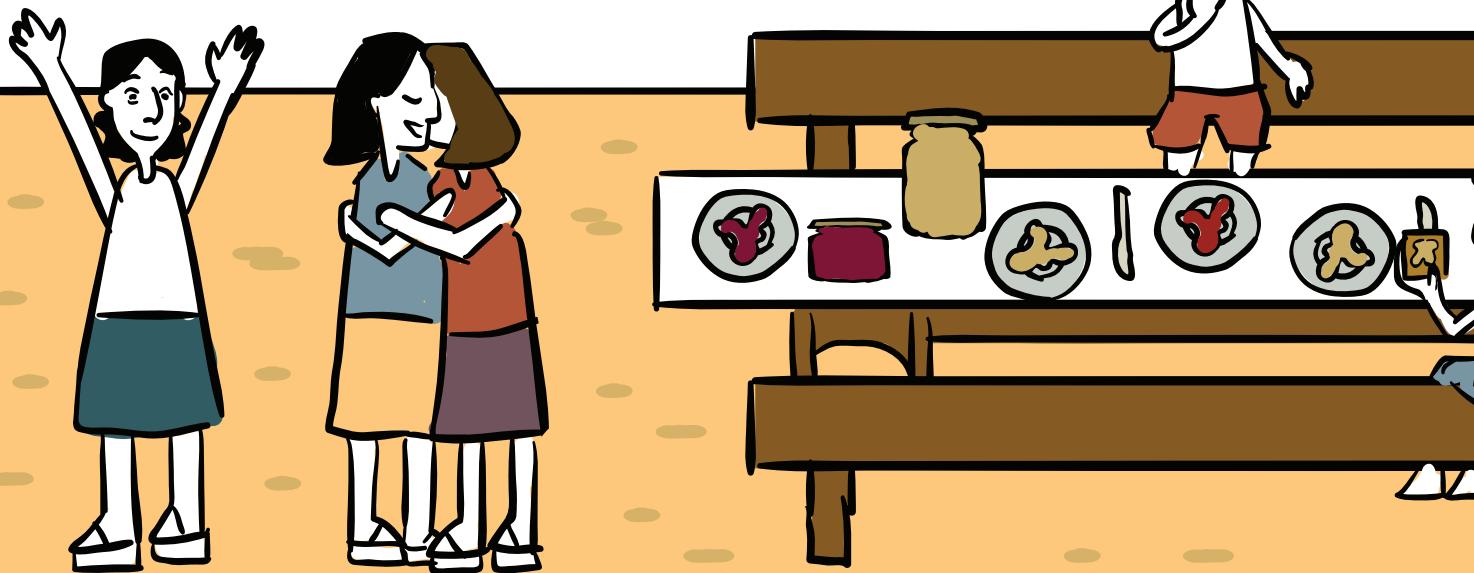


O lugar da mulher não é só em casa, na cozinha. É, sim, estar participando e conhecendo outras pessoas, outras mulheres. Nesses encontros, a gente percebe que a vida de cada uma é diferente, não é uma vida igual à da outra, né? Então, cada uma tem seus problemas. Às vezes, têm medo do próprio marido. A gente não deve ter medo do marido, porque o marido é um companheiro."

Ornelina Alves Neta, de Remanso (BA)

Com a boa aceitação da polpa e da geleia na feira, Maria e as companheiras de produção resolveram vender para o PAA. Se desse certo, seria um bom negócio porque venderiam uma maior quantidade, e o apurado aumentaria.

Uma vez conseguiram vender muitos quilos de polpa e centenas de potes de geleia. O pagamento veio certinho. Cada uma recebeu 530 reais. Nunca tinham pegado em tanto dinheiro de uma só vez.



PAA

O *Programa de Aquisição de Alimentos* (PAA) compra das famílias agricultoras mais de 300 itens existentes nos quintais de casa, produtos beneficiados como bolos e doces e os frutos típicos do cerrado e caatinga. As modalidades acessadas pelas agricultoras são Compra Direta com Doação Simultânea, Doação Simultânea, Compra Direta Local Municipal e Compra Direta Local Estadual. Para mais informações sobre o PAA em seu município, procure os Conselhos Municipais de Segurança Alimentar e Nutricional, de Desenvolvimento Rural Sustentável e de Assistência Social ou a Secretaria de Agricultura e as entidades de Assessoria e Apoio à Agricultura Familiar. Ligue para (61) 3312.6000 ou acesse www.conab.gov.br

PNAE

Desde 2009, a legislação brasileira assegura que, no mínimo, 30% do recurso público disponível para alimentação escolar deve ser investido na compra de produtos da agricultura familiar. Para cumprir esta lei, foi criado o *Programa Nacional de Alimentação Escolar* (Pnae). O Pnae também valoriza os produtos do quintal. É bastante comum que os alimentos que as famílias vendem ao Pnae sejam servidos na merenda de seus próprios filhos.

Para maiores informações sobre o Pnae em seu município, procure a Secretaria Municipal de Educação, a Prefeitura, as escolas e as entidades de Assessoria e Apoio à Agricultura Familiar ou acesse o portal: www.mda.gov.br/portal



Manoelita mesma chegou a chorar de alegria. Ao chegar em casa, seu marido, Biu, foi logo querendo saber do apurado: “Deu uns 200 reais pra cada uma, Manoelita?”, perguntou. “Deu não”, respondeu ela, e, antes que terminasse de falar, ele emendou: “Eu num disse que isso não tem futuro!”. Foi quando Manoelita revelou o valor total da venda, e o queixo dele caiu. Daí em diante, Biu diminuiu as reclamações e as ameaças que costumava fazer todas as vezes que sua esposa ia pra associação.

O dinheiro que Maria e Edvaldo conseguiam com as novas ocupações pagava as despesas do mês, e o restante era guardado numa caixinha. Quando completaram 10 anos de casados, conseguiram comprar 11 tarefas de terra ao lado de dona Cícera. Realizaram seu primeiro sonho.

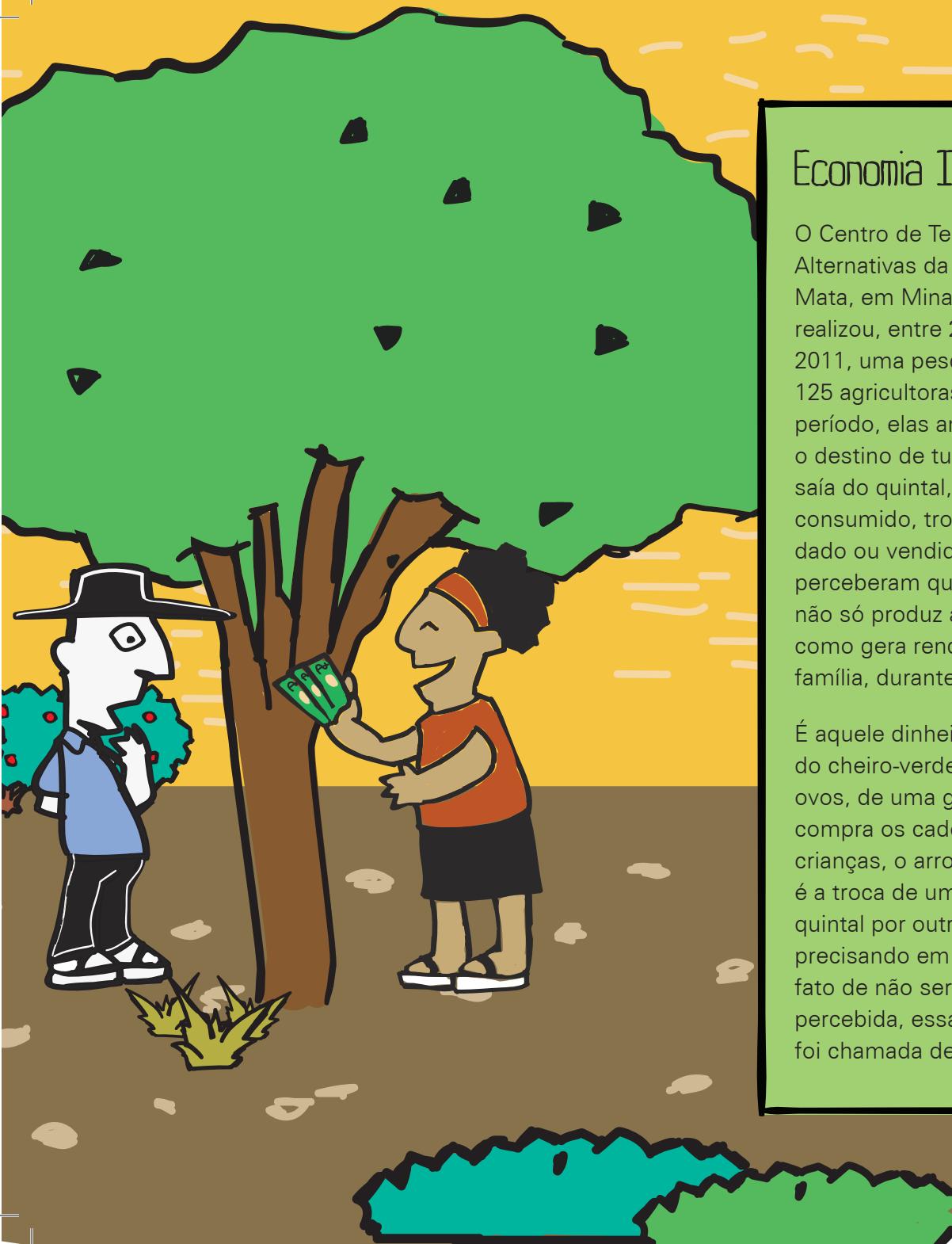
Os quintais produtivos representam uma coisa muito importante, uma coisa de valor, porque de lá a gente tira a renda, tira o alimento puro para as pessoas da sociedade consumir. Nós somos agricultores, vamos assumir nosso papel produzindo produto puro e com responsabilidade.”

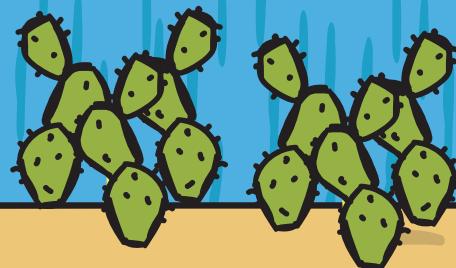
Maria de Jesus Soares Nere, de Crateús (CE)

Economia Invisível

O Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, em Minas Gerais, realizou, entre 2009 e 2011, uma pesquisa com 125 agricultoras. Nesse período, elas anotaram o destino de tudo o que saía do quintal, se foi consumido, trocado, dado ou vendido. Assim, perceberam que o quintal não só produz alimentos como gera renda para a família, durante o ano todo.

É aquele dinheiro da venda do cheiro-verde, de uns ovos, de uma galinha que compra os cadernos das crianças, o arroz, o sal. Ou é a troca de um produto do quintal por outro que esteja precisando em casa. Pelo fato de não ser claramente percebida, essa economia foi chamada de *invisível*.





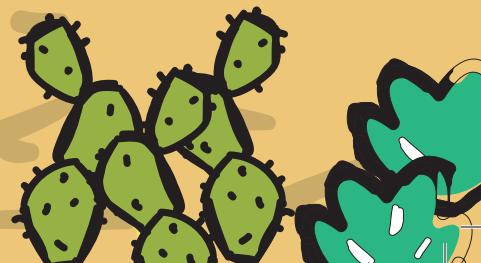
Caprichosa como era, Maria foi logo tratando de plantar várias flores na frente de casa. Ela queria um espaço bem colorido, bonito e cheiroso pra receber suas visitas. O terreno já tinha um sombreiro bem grande, onde Edvaldo teve a ideia de construir uns bancos de madeira.

Da casa da sogra, Maria levou suas criações, várias mudas e um pezinho de cada planta medicinal. Ah, Maria também trouxe sementes variadas que ajudou dona Cícera e seu Antônio a colher, selecionar e guardar em garrafas plásticas para as próximas plantações.

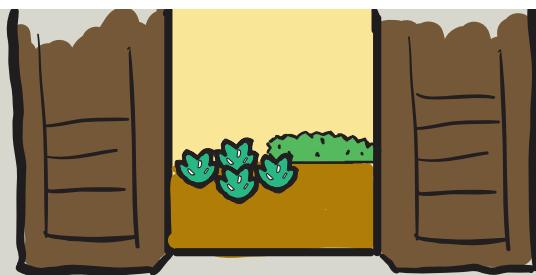


Da mesma forma que os seus sogros, ela, Edvaldo, Cecinha e o seu caçula, João, conquistaram a cisterna de primeira água, que foi construída através do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, que fazia parte da ASA. A associação da qual Maria participava estava ligada ao Sindicato.

Ter uma cisterna na sua casa foi a realização de outro sonho de Maria e Edvaldo. Não seria mais necessário pegar água para beber na cisterna da sogra como faziam. Assim, a água passou a render mais. Teve até um verão em que as cisternas nem chegaram a secar.



O curso pra cuidar da cisterna quem fez foi a própria Maria. Lá, ela conheceu outras agricultoras e outros agricultores e, a partir do contato, ensinou e aprendeu mais um pouco a lidar com a água. “Conhecimento é mesmo um dinheiro muito rico”, pensava ela toda vez que descobria algo novo.



E muito importante é você acreditar e ir buscar conhecimento. É o primeiro passo. A força de vontade e a fé e ir buscar o conhecimento. E isso vai fazer com que você não desista nunca, porque o mais gostoso é você, depois de todo um trabalho, toda uma luta, ter na sua mão o fruto desse trabalho.”

Maria da Conceição Alves de Mesquita,
de Trairi (CE)



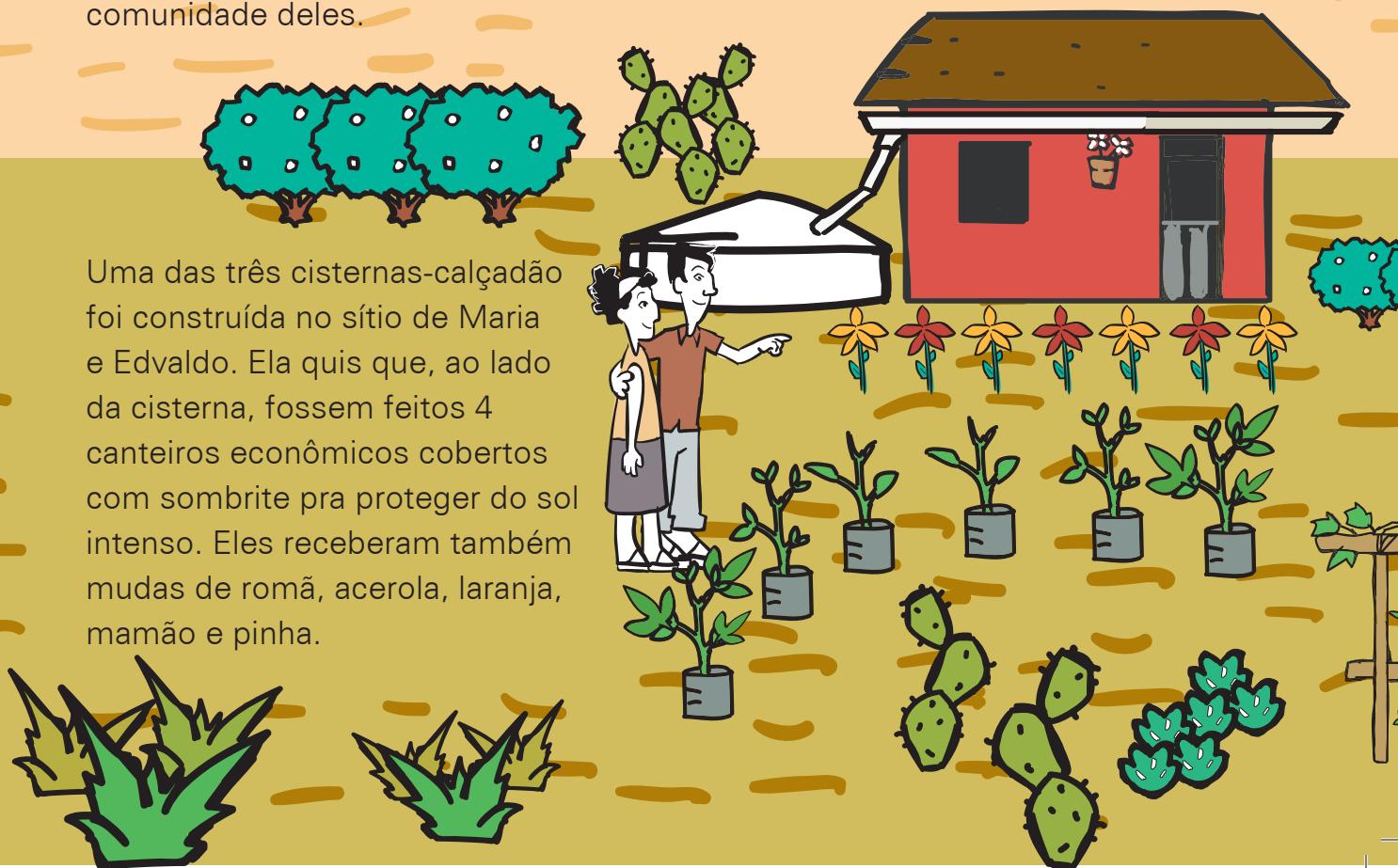
Com vontade de continuar aprendendo, Maria e Edvaldo começaram a ir para as reuniões do Sindicato. A cada encontro, se debatia algum assunto importante para a vida deles. Falava-se sobre crédito rural, assistência técnica, agroecologia e até sobre a educação ideal para as crianças no campo. A Diretoria do Sindicato tinha a preocupação de não só repassar as informações para as mulheres, mas conversar com os homens também.

Até que um dia, Valda, do grupo de mulheres que beneficiavam o umbu, começou a fazer parte da Comissão Municipal da Água. Foi ela quem disse a Maria que o município de Capim Santo receberia 30 tecnologias da ASA, daquelas que guardam água para produzir alimentos e matar a sede da criação. Dessas 30, 10 seriam instaladas na comunidade deles.

E eu diria que foi, é e está sendo a melhor experiência que eu já tive na minha vida, o quintal produtivo. Além de eu ter o meu próprio produto em casa, de qualidade, tenho a minha renda. Se amanhã eu deixasse de trabalhar, jamais ia passar fome e necessidade, porque eu sei de onde tirar dinheiro, de onde tirar meu recurso.”

Maria Unária Goldim, de Campo Grande (RN)

Uma das três cisternas-calçadão foi construída no sítio de Maria e Edvaldo. Ela quis que, ao lado da cisterna, fossem feitos 4 canteiros econômicos cobertos com sombrite pra proteger do sol intenso. Eles receberam também mudas de romã, acerola, laranja, mamão e pinha.



Tecnologias do P1+2

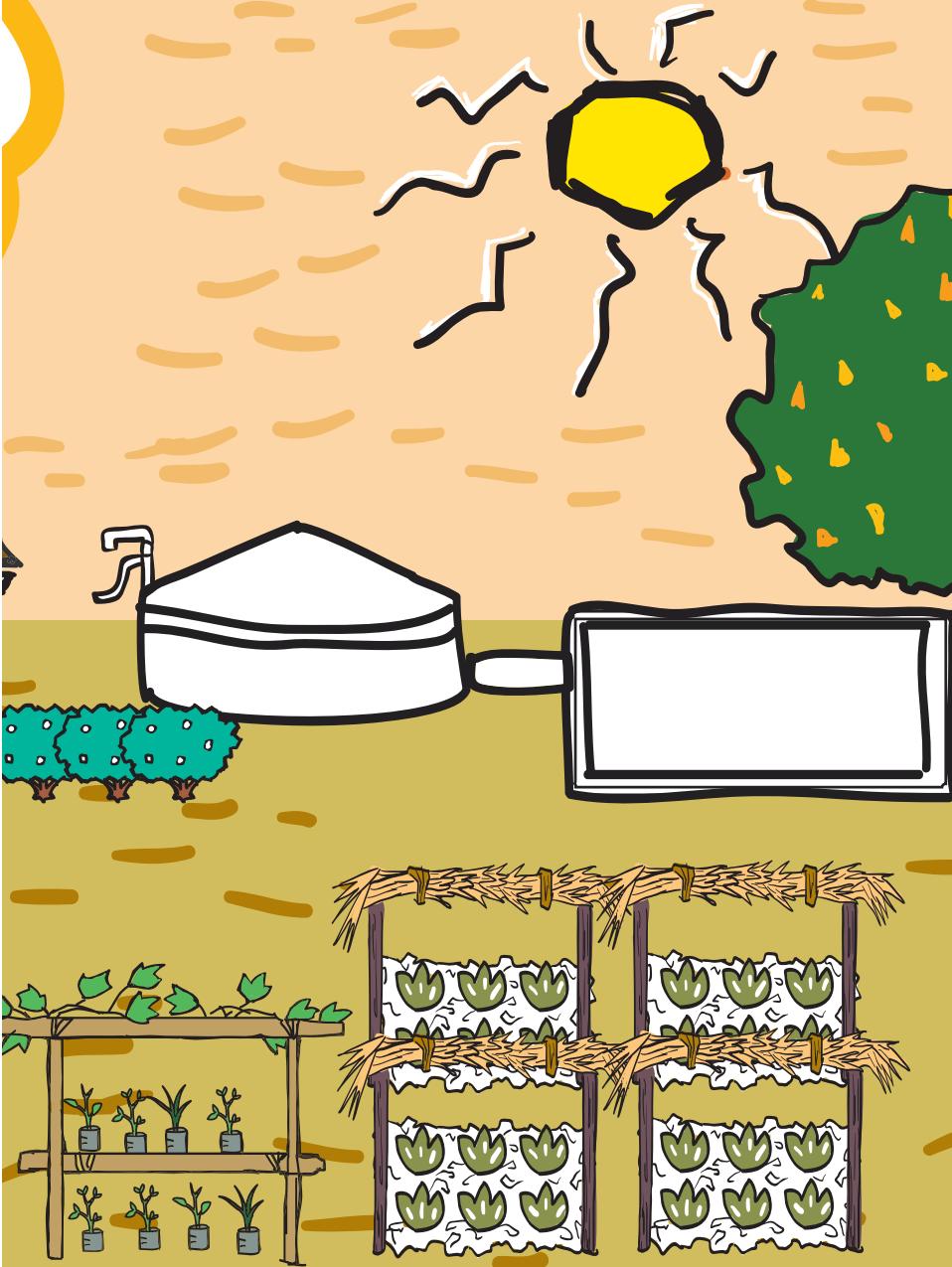
São várias as tecnologias sociais construídas pela ASA, através do P1+2, que armazenam a água da chuva para a produção de alimentos e para dar aos animais. Cada uma fortalece diferentes espaços produtivos.

As cisternas-calçadão e as cisternas-enxurrada estão, normalmente, no arredor da casa. A sua água tem forte influência nos quintais produtivos.

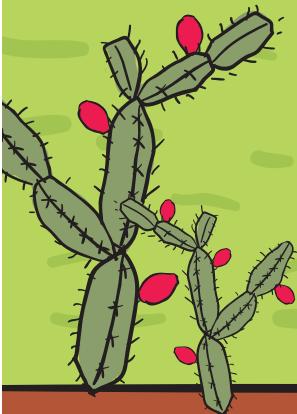
As barragens subterrâneas e as barraginhas ficam em locais que têm uma passagem de água nos períodos de chuva. Podem estar no arredor da casa ou mais afastadas, perto do roçado.

Os barreiros-trincheira são mais utilizados para a criação de animais, estando localizados perto do roçado.

E os tanques de pedra e as bombas-d'água populares são implementações coletivas, que atendem a diversas famílias de uma mesma comunidade.



Depois de participar das capacitações, Maria e Edvaldo começaram a testar técnicas de plantio. Uma delas foi plantar, junto do feijão, do milho e da macaxeira, outros cultivos, como leucena, jerimum, palma, melancia-de-cavalo e sorgo. Com o tempo, essa diversidade deixou o solo mais fértil, diminuiu os problemas com os insetos e aumentou a produção de alimento para as criações e para a família.



Eles passaram também a fazer feno e silo, aproveitando o material produzido e não gasto na propriedade em épocas mais produtivas. Com ração garantida no verão, eles puderam aumentar as cabeças de cabra.

Visitando muitas experiências, Maria se deu conta de que, assim como ela, sua mãe, suas avós e sua sogra, muitas outras agricultoras testavam as sementes no quintal de casa antes de levar para o roçado.

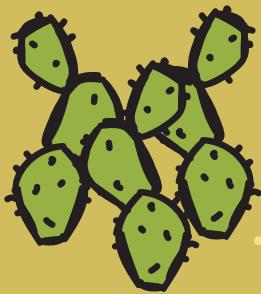


Numa visita de intercâmbio à dona Zefa, do município de Cupi, a 70 km de Esperança, Maria conheceu uma técnica simples e fácil de plantar temperos. Em vez de vasilhas, o cultivo é feito em grandes sacos plásticos, que impedem que a água esorra, mantendo a terra molhada por mais tempo.

Até um sistema de irrigação por gotejamento, usando água da cisterna-calçadão, Maria aprendeu e explicou para Edvaldo. Com base nessa ideia, ele criou um sistema de irrigação adaptado às suas necessidades e ao relevo do terreno.



Entre uma inovação e outra, Maria e Edvaldo passaram a se reconhecer como agricultora e agricultor experimentadores, assim como tantos outros que encontraram pelo caminho do conhecimento que começaram a trilhar.



Desde o princípio, quando a gente começa a ter conhecimento, começa a valorizar, a visitar outras famílias, ver o que elas estão fazendo e ver o que a gente também pode fazer. E quando a gente adquire o conhecimento, a gente começa a repassar para a família, para os vizinhos. Isso é muito importante."

Angineide Pereira de Macedo, de Queimadas (PB)

Depois de tantas inovações, a mesa da família faz gosto de ver. O prato que antes era preto e branco, agora ficou colorido, com o verde, laranja e vermelho.

O quintal diverso, limpo e produtivo de Maria chamava a atenção de todos. Foi quando um técnico de uma organização da ASA pediu a Maria e Edvaldo para escreverem um boletim sobre a história da família e de seu quintal, para divulgar para outras famílias agricultoras do Semiárido.

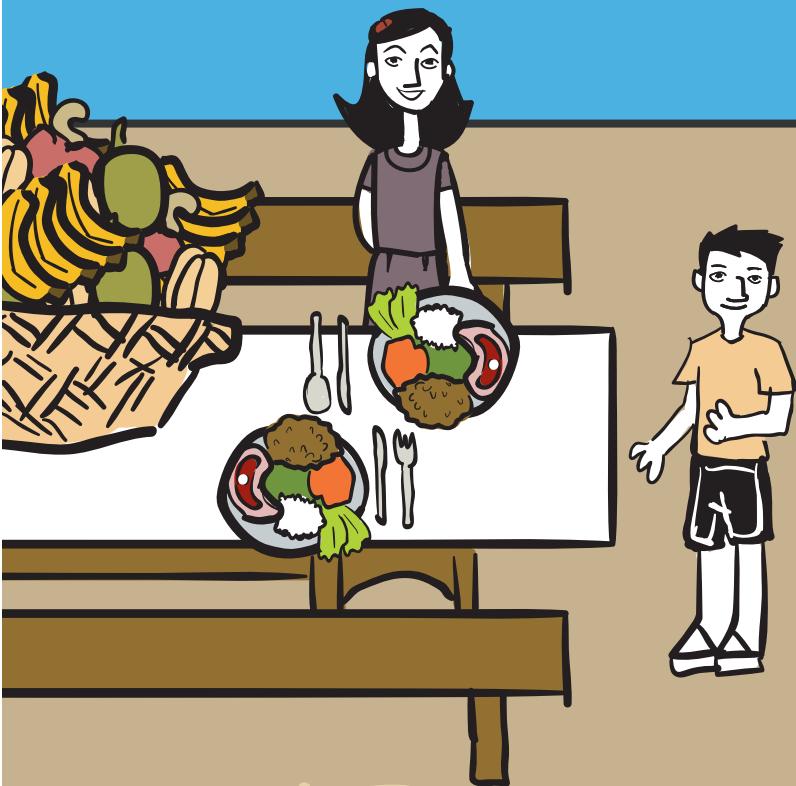


Vixe, minha Nossa Senhora,
cuido do meu quintal como se
fosse um recém-nascido. Tudo
o que ele precisa, eu dou."

Maria José Sandes Lima, de Inhapi (AL)

É bom fazer
plantações e colheitas
nas fases certas da
lua. É bom cantar
e conversar com
as plantas, com os
animais."

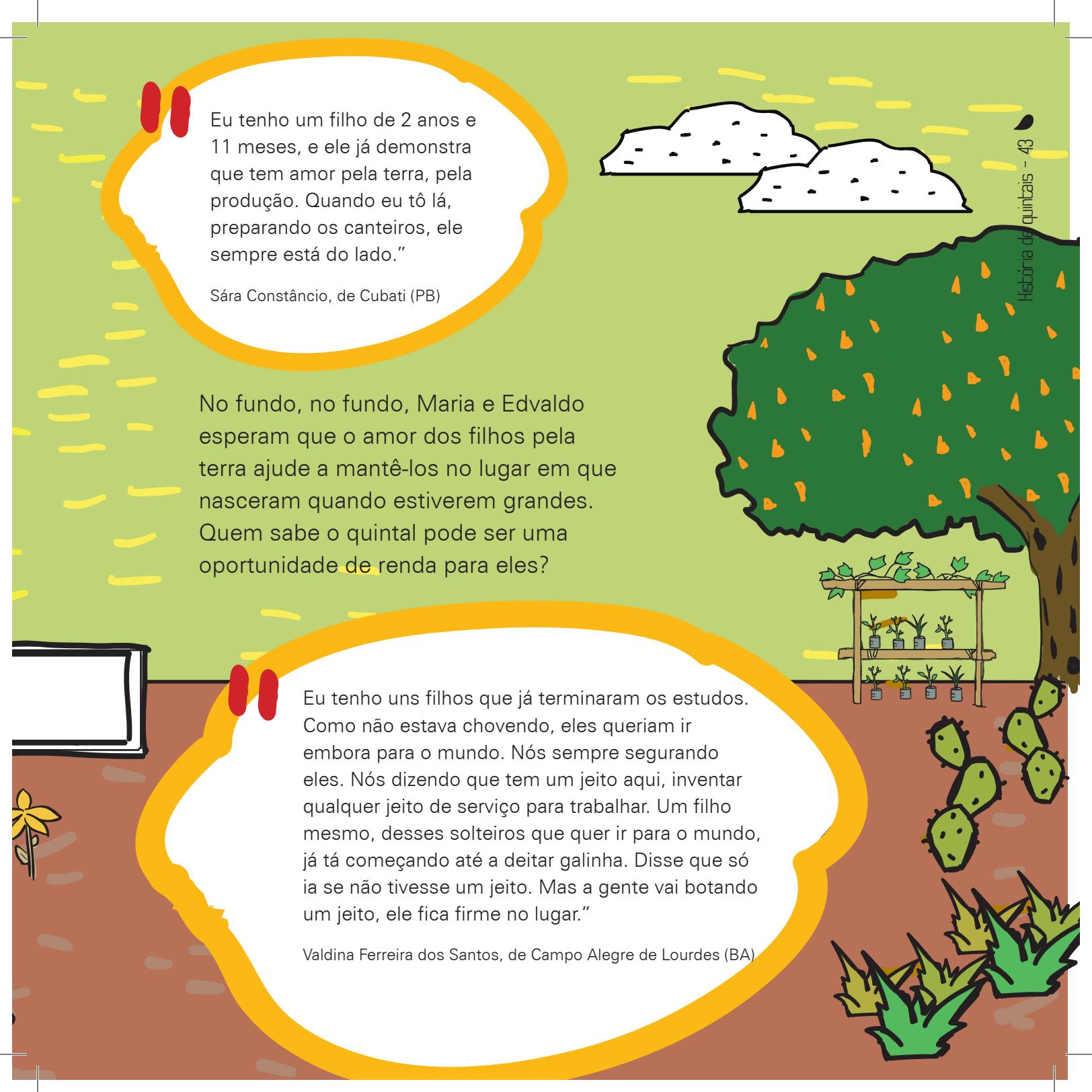
Maria Aparecida da Silva,
de Porto da Folha (SE)



Até a relação de Maria e Edvaldo melhorou ainda mais. Se ele já assumia várias tarefas no quintal, passou a trabalhar com a esposa nos afazeres domésticos. Forrava uma cama, passava uma vassoura na casa, arrumava a mesa para a refeição, lavava os pratos...

Sabe outra coisa que deixava Maria cheia de contentamento? Era ver o amor de seus filhos pela terra. Eles cresceram vendo a mãe cuidar do quintal com muito carinho. Quantas e quantas vezes Cecinha e João plantaram suas sementinhas!





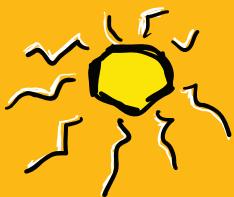
Eu tenho um filho de 2 anos e 11 meses, e ele já demonstra que tem amor pela terra, pela produção. Quando eu tô lá, preparando os canteiros, ele sempre está do lado.”

Sára Constâncio, de Cubati (PB)

No fundo, no fundo, Maria e Edvaldo esperam que o amor dos filhos pela terra ajude a mantê-los no lugar em que nasceram quando estiverem grandes. Quem sabe o quintal pode ser uma oportunidade de renda para eles?

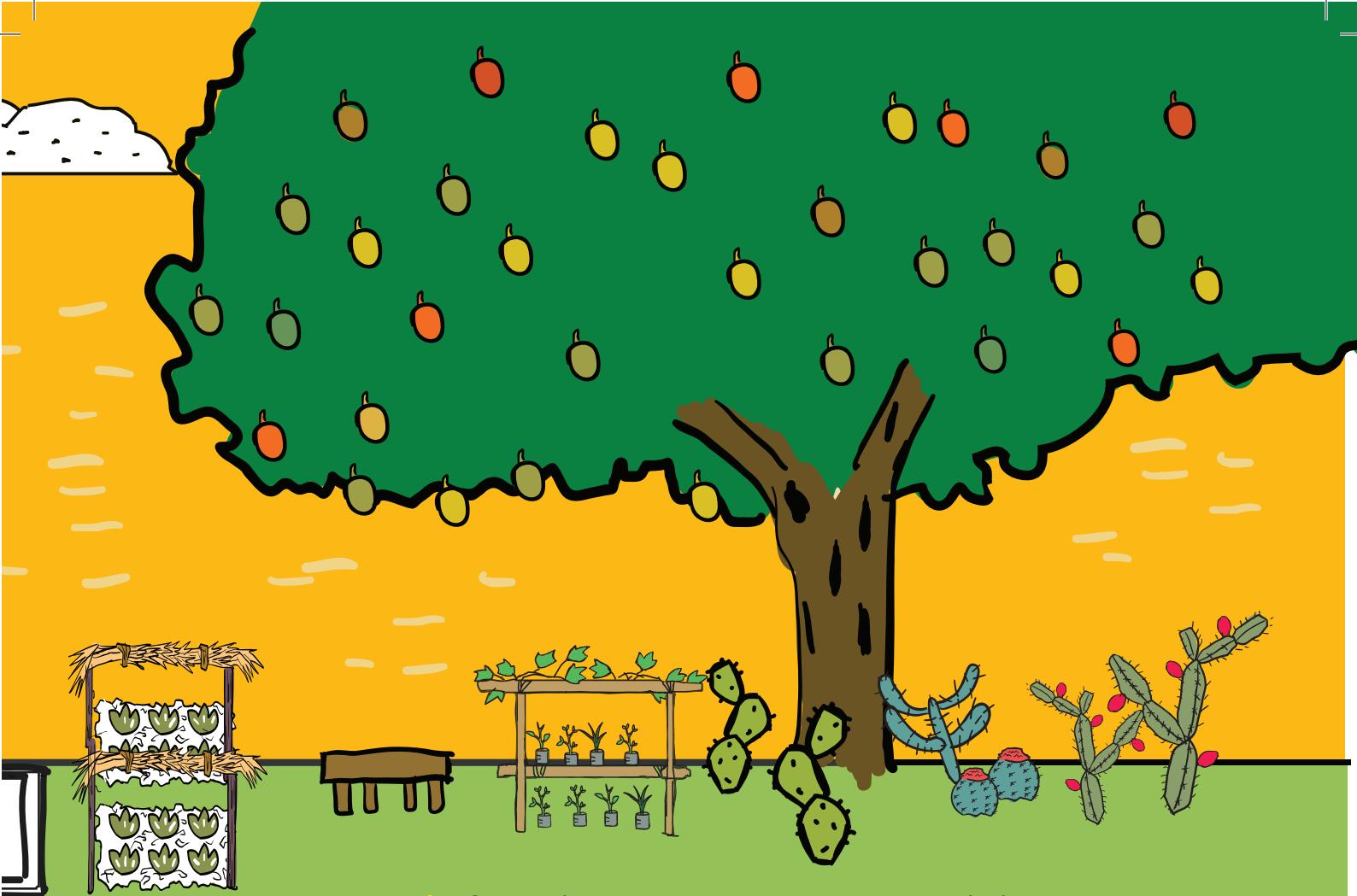
Eu tenho uns filhos que já terminaram os estudos. Como não estava chovendo, eles queriam ir embora para o mundo. Nós sempre segurando eles. Nós dizendo que tem um jeito aqui, inventar qualquer jeito de serviço para trabalhar. Um filho mesmo, desses solteiros que quer ir para o mundo, já tá começando até a deitar galinha. Disse que só ia se não tivesse um jeito. Mas a gente vai botando um jeito, ele fica firme no lugar.”

Valdina Ferreira dos Santos, de Campo Alegre de Lourdes (BA)



O quintal de Maria e Edvaldo era uma riqueza só. De tudo havia: fruteiras, aves, cabras, farmácia viva, horta, cisternas, sementes e ração animal. Com o aprendizado e a infraestrutura adquiridos, conseguiram diversificar a produção e estocar água, alimentos e sementes para enfrentar as estiagens com condições de continuar produzindo. Eles estavam seguindo o caminho da convivência com o Semiárido. E você, por qual estrada quer caminhar?





- > Que práticas de quintal produtivo você já conhecia e foram citadas nesta cartilha?
- > Que práticas novas você viu e que poderia implantar também no seu quintal?
- > Que práticas não foram citadas, mas existem no seu quintal e você poderia sugerir para serem feitas pelos seus companheiros e companheiras?



Realização



Articulação
Semárido
Brasileiro



Apoio

